

ESCOLA DE DIREITO

ORGÃO DA FACULDADE

ANNO II — RECIFE, 20 DE OUTUBRO DE 1898 — N. 6

NÓS

« A alma perfuma nossa mocidade, » e na vida académica penetra-nos a verdade extraordinária deste verso de Murat.

O nosso coração como esse vaso da mythologia gauleza que absorvia e transbordava incessantemente a vida, recebe todas as esperanças rútilas da idade para diffundil-as no seio querido da patria.

E essa mocidade eterna das academias, na sua eterna pureza, se divisará sempre branquejando atravez do negrume das paixões; quando prevalecendo-se da noute escura dos tempos sahirem dos seus covis os vermes e as pantheras, brilhará sempre no alto como uma estrella.

Ahi está a sua obra sublime que como o debuxo dos quadros bysantinos resalta de um fundo de oiro.

Se, entre nós, o espirito academico parece rejuvenescer depois de um periodo, é força confessal-o, sombreado por um abatimento injustificavel, ousou affirmar que essa nova seiva que o sacode traz todos os elementos vigorosos desta epocha que atravessamos em que o Ideal ja não plaina por sobre os muros de Roma e nem é somente sangue a circular nos marmores, como na antiga Hellade, mas ati-

ra-se para o azul radiante da Liberdade, com ancia de infinito, ostentando todos os cambiantes de purpura e oiro da sua plumagem esplendida, a reverberar o sol immenso da Democracia.

E por isso queremos o ensino livre, e por isso proclamamos bem alto que o scenario do ensino obrigatorio não corresponde á acção que exercemos no mundo das nossas aspirações ; contrasta com o fim magestoso das nossas mais queridas esperanças !

Eis-nos, este anno, chegados ao termo do caminho em cujas orlas vimos germinar a messe do nosso espirito ; outros, os que ficarem, verão a eclosão das flores desenvolvidas pelo orvalho de luz desse sonho magnifico que, para os que vão, é como uma aurora suprema em que mergulharam o cerebro e o coração.



Filha do Mal

Filha do Mal, rachitica e sombria
Flôr vicejada nas entranhas fundas
De um abysmo, jámais a luz do dia
Possa aquecer-te as petalas immundas...

Tal como a serpe venenosa e esguia
Habituada ás cryptas infecundas,
Vives na treva, imperturbavel, fria,
Foges á luz e em sombras te aprofundas.

Fere-te a claridade o olhar turvado
Pela nevoa do Crime ; és do Peccado
A tristurosa effigie dolorida...

E o pallium do Remorso, eterna bruma,
Que o teu caminho amargurado esfuma,
Ha de manchar-te eternamente a vida !

CORREIA PINTO.



Visita da Morte

Meianoite.

Bateram-me no hombro. Voltei-me ; era a Morte
Um frio de medo gelou-me ; quiz fugir, mas a figura
sinistra tomava-me a sahida. Toda a minha pessoa tre-
mia como um caniço ao vento. A Morte fallou :

— Não tentes fugir, chegou a tua hora fatal e
inexoravel. Chamaste-me nos instantes de teu deses-

pero, desejaste-me na suprema agrura de tuas miserias ; não vim, ainda a tua ampulheta estava cheia ; mas o momento é chegado... Vamos !...

Em voz tremula e titubeante, articulei :

— Es....pe....ra !...

Um riso medonho agitou os ossos do espectro pavoroso, fazendo-os chocalhar.

Eu suava morte por todos os póros. Pedi soccorro, porém a garganta stringid apor um circulo myste-rioso, não emittio o menor som.

A Morte tornou a fallar :

— Foi longa a tua vigilia, as tuas palpebras cançadas pedem o repouso do grande somno. E' preciso que descances, para voltares de novo á vida, numa éra futura, sob outra encarnação talvez !

— Sob muitas formas, vivendo muitas vidas, no seio escuro da terra, no corpo repellente dos vermes...

Disse eu com desanimo e a tremer.

— Não, a Morte respondeu. A alma, essencia da Divindade, é uma, indivisivel, eterna. Quando a materia, seguindo a lei natural, torna-se inanime para transformar-se, a alma, sobe ao Mystério do Ignorado, para voltar ao mundo, animando conscientemente um novo individuo...

— E conservará ella os mesmos sentimentos, as mesmas paixões e a lembrança da vida passada ? perguntei.

— Não. Os sentimentos, as paixões e a lembrança, são cousas da terra e ficam n'ella com a materia.

A alma volta á sua origem pura como dantes. A lembrança da vida passada perturba-se, obumbra-se, desfaz-se, para que ella conserve a sua eterna mocidade.

— Então o que é a morte ?

— E' o final de uma vida e o começo de outra.

E as delicias? E as penas eternas ?

— Superstições geradas pelo terror e nada mais.

A recompensa aos bons, consiste nesse estado de tranquillidade que elles gosam durante o decurso de vidas successivas; o castigo dos máos, é a sua propria maldade... Só a materia soffre e gosa porque a alma a atormenta ou a delicia.

E a Morte, ao dizer estas palavras puxou-me pelo braço e repetio o convite tremendo :

— Vamos !

— Não! bradei, agarrando-me ao movel mais perto. O medo me desvairava.

— Receias, cobarde ?

Inquirio o espectro raivoso.

— Sim, tenho um terror louco !

— Porque me chamas então, se a materia que te encarcera não tem precisa coragem de dar-te liberdade?

Culpas a alma quando a carne é a fragil, a pusillanime...

— Porque morrer agora ? balbuciei como uma creança.

— O destino é imprescriptivel, disse o espectro solemnemente. E' preciso partir !...

E senti-me arrebatado por uma força superior.

A vontade abandonou-me. Tinha chegado o momento terrivel.

*
* *

O sol fecundante e forte, na esplendida victoria da luz, entrou-me no aposento, batendo-me em cheio sobre as palpebras cerradas. Despertei. O espectro desaparecera.

Sonhara talvez ! Mas ao voltar ao tedio negro da vida presente, tive saudade da Morte.

Recife.

ARISTHEO DE ANDRADE.

Saudade

AO HUGO JOBIM.

Pallida e loira e angelica e franzina
como um raio de luz embalsamado,
tem no semblante a candidez da alpina
neve e a brancura de um luar prateado.

As suas faces liricaes e puras
rescendendo perfumes de violetas,
tentam anjos beijal-as das alturas,
sonham beijal-as pallidos poetas.

Ha no seu riso graças de creança,
no seu porte gracil fórmas de estrella ;
palpita em seu olhar uma esperança,
um céo de amor seu rosto me revela.

Quando me falla, e aquella voz de santa
singela e doce dos seus labios vòã,
a voz das aves, dulcida supplanta,
supplanta a voz de uma guitarra bôã.

Banha-me a luz do seu olhar bemdito
onde a alvorada do desejo cresce ;
e se os meus olhos nos seus olhos fito,
canta minh'alma e chora e se entristece.

Nunca sorrio á turba que a rodeia,
fascina os astros sua magestade ;
maguas, nunca soffreu ; e é sempre alheia
ao mundo e á vida : chama-se Saudade.

ALFREDO MAIA,

TRAÇOS...

O momento não é dos mais precisos, ou antes, a ocasião em que escrevo não me dá azos, infelizmente, para aclarar em letras cuidadas o alvo que visava minha modesta penna, ao fazer-se, este anno, o termino d'essa viagem mental em que tão fulgurantemente se houve a «Escola de Direito».

Da epigraphe mesmo dedicada ao meu escripto, algo resalta mostrando a ligeireza com que é encarado o assumpto, digno, sem contestação, de vistas mais largas e de mais sérios conhecimentos, os quaes, em franqueza digo, faltam-me inteiramente.

Seja-me, todavia, permittido escrever algumas palavras originadas pelo acolhimento que tive n'esta «Revista», entregue ás luzes de uma pleiade de moços academicos, amantes da Arte, que é hoje em dia o refugio onde se abrigam os espiritos talhados para a cultura das letras.

A «Escola de Direito», elegante escritorio onde o Periodo cinzelado irmanou-se á cristallina sonoridade do Verso masculino, feriu, penso, na sua trajectoria espiritual, a meta visada por seus fundadores, modernos paladinos da Ideia, incansaveis que fazem do Idéal o sonho de todos os momentos.

Se o não podem attestar minhas desprezenciosas palavras, nascidas como um preito por esses que admiro, ahí estão ainda nas paginas da «Escola» traços vibrantes deixados, tanto da Poesia como da Prosa lapidada, echos perduraveis e sonoros, reflexos do alevantado Idéal que os inspirou.

Mais do que a minha opinião falam os assumptos diversos, literarios e scientificos, que encontraram n'estas columnas a arena plana onde se terçam armas em pról do Estylo. Estas phrases, pois, despidas do vestuario irisante que embelleza a expressão, resumem para a «Escola» os ultimos traços de quem vê cerrar-se por momento o Templo onde commungou tambem, na concentração da mesma fé animadora,

Tenham, portanto, minhas saudações os redactores da «Escola de Direito», esses que podem repetir o que escreveu algures um espirito esclarecido : «O talento honesto subjugou a chatinaria reprobã, impondo-se aos assisados e vencendo os refractarios inscientes».

CELIA DE MENDONÇA.



Espiritualisante

És da pureza excelsa e cristallina
Dos astros e o fulgor que os astros veste
Envolve o teu olhar na diamantina
Auréola de uma luz branda e celeste...

Alvura espiritual, estranha e fina
Resplandecencia a fronte te reveste...
Tens, decerto, a guiar-te a luz divina
Que illuminava o azul de onde vieste !

Ave gracil de immaculadas pennas,
Trazes, talvez, das regiões serenas
A doçura ideal de céos risonhos...

Salve ! filha do Amor, Deusa tranquilla,
Cujo esplendor magnifico scintilla
Na cathedral olympica dos Sonhos !

CORREIA PINTO.

ANGELINA

A J. M. M. V.

Sol a pino.

Em densa chlamyde de tristeza, lucto e desespero, profunda monotonia envolve a Terra.

Nem uma nota harmoniosa, nem o suspiroso gemer do vento na folhagem das verdes palmeiras, nem o melli-fluo e canoro gorgear do mimoso pintasilgo, rompem aquelle silencio profundo, que, nas dobras do seu albornoz, submergiu a elegante VILLA aristocratica.

Apenas quebra-o, quasi imperceptivelmente, o galopar longinquo de um cavallo.

A' janella oriental da VILLA, por entre flôres e violetas, assoma uma virgem loura como as filhas do Rheno, cujo vinho não é mais incandescente que o sangue que doura a epiderme de Angelina.

Seu olhar vago e mysterioso como um oraculo, dirige-se, celere, para a estrada, d'onde o cavalleiro, flôr á lapella, chapéo inclinado sobre os olhos, envia-lhe um beijo cheio de mil desejos.

A virgem empallidece, seu coração palpita acceleradamente, «emquanto a lascivia faz-lhe arfar o seio».

O mancebo, precipite, apodera-se de sua mão e, com os olhos esgazeados, labios resequidos e sangue a ferver, imprime um beijo preñhe de lubricidade nas faces da virgem, que, como ebria, cambalêa, «emquanto a lascivia faz-lhe arfar o seio».

O «frou-frou» de um vestido vem interromper a significativa CONVERSAÇÃO dos jovens.

O cavalleiro parte e a matrona, a mãe de Angelina, pergunta-lhe :

— Quem era, filha ?

— Um mancebo—responde compondo os cabellos em desordem e tendo a brilhar nos olhos o facho da volupia—que perguntava o caminho do Recife...

Blasphemia do Ódio

Não me intimida o coração da MORTE,
e nem me assusta o chãos d'esse NIRVANA.
Não me acurvo ao DESTINO ; e a propria SORTE
na BOHEMIA perfida se engana.

A luz dos olhos meus que se espadana,
rancor feroz exprime, n'um transporte
de verdadeira COLERA tyranna !
De ser assim ninguem de mim se importe.

Deixe que eu vibre essa BLASPHEMIA, Infame,
o Ódio que tenho n'esse peito acceso
eternamente em RAIVA se proclame !

Cantando o MAL eu me conservo illeso !
Ninguem sobre esses «Versos» me reclame
pois voto ao mundo todo o meu desprezo !

Recife.

FIUZA DE PONTES.



CORINA

..... Pallida findou-se
Guardando louros cherubins seu flanco.

ALFREDO MAIA.

— Dize-me, pallida rosa, o que é feito da suavissima
fragancia que outr'ora ostentavas em teu calix perfumado
e dulçuroso que attrahia os colibris meigos e celeres ? Do

viço e encantos que expandia tua corolla brilhante como um floco de nuvens sonoramente embalado por um raio do Sol ?

Commovido, assim interpellava eu á pallida rosa sobre a qual parecia pesar profundo manto lacrimoso.

Nem o Anjo meigo das florestas, nem as estrellas que tantas vezes contemplaram-n'a, nem a brisa que viu-a nascer, que tão suavemente a embalou e que agora suspira tão dolentes endeixas, poderiam narrar a sua vida, triste vida desabrochada n'um jardim e finda sobre o coração palpitante de uma virgem.

Sómente o mar sobre o qual ella balouça-se mostrando a pressão vibrante dos beijos e das lagrimas, sómente esse cadaver, pallido como a saudade, louro como um cherubim, que teve a existencia de uma gotta de orvalho, poderiam desvendar esse mysterio.

Corina amára : n'esse amar havia concentrado todos os affectos de su'alma ardente e flexivel como a haste do lirio aos beijos de viração.

Pedir-lhe que suffocasse o culto, a idolatria que ella votava a Augusto, seria o mesmo que pedir á luz que se deixasse absorver pelas trevas, á natureza que exterminasse as flores, a Deus que banisse da Terra as notas harmoniosas : desde as das melodias doricas até ás do brando murmurar de clara lymphá lapidando perolas.

Sem vida, inerte, eis o seu seio, esse niveo seio que outr'ora agitava-se tão candidamente.

Esses olhos grandes e scismadores não expandirão mais as scentelhas de felicidade, nem os seus labios mimosos e coralinos comprimirão mais a rosa gentil, que foi-lhe dada após á primeira valsa, em que, tremula de pejo, ouviu a confissão do amor immenso que havia inspirado !

Correspondeu e foi feliz, verdadeiramente feliz durante aquella quadra risonha, em que, enlevada, deixava a imaginação adejar pelos paramos ideaes da Phantasia !

Com a fronte inclinada e o olhar perdido no azul dos ceus, transportava-se a um mundo onde a Ventura, entretecendo-lhe arminea coròas de deleites, promettia uma vida cheia de harmonias e prazeres infindos.

E a rosa e Corina, á janella, á hora em que o Sol vae paulatinamente occultando-se no occaso, formavam um bouquet divino, tão perfeito o seu conjuncto.

Dir-se-ia, vendo-as, que eram duas irmãs, filhas da mesma caricia da Lua, tão suave a aureola que irradiava-lhes das petalas e dos cabellos crespos, louros, sedosos, a brincarem, soltos, com a aragem odorifera do Oceano.

Durante horas e horas, Corina permanecia assim.

Ninguem a interrompia ; mesmo o vulgo que não comprehende o que por ventura vae de sublime nos corações amantes, julgava que seria uma profanação, um sacrilegio interromper esses doces colloquios em que ella, a rosa e a imagem do amante trocavam as mais candidas promessas.

Um dia, porém, a janella conservou-se fechada.

Atroz tristeza envolvia a casa que d'antes animava-se a um sorriso de Corina.

— A vizinha não apparece ! suspiravam desolados os resedás e os beija-flores.

— O que aconteceu á virgem louca ? perguntava incessantemente a viração.

E o mar permanecia mudo...

Ai ! Augusto roubára-lhe a felicidade.

Sem o amor d'elle, a pobre Corina estava condemnada a assistir á ruina lenta, vagarosa, do castello gracil dos seus sonhos e cada uma das pedras que se desmoronavam ia repercutir dolorosamente no intimo de su'alma.

— Não posso viver assim, sem esperanza ! repetia ella, a cada instante beijando, orvalhando com suas lagrimas a pallida rosa que tambem soffria.

E a noute, a noute pavorosa da loucura, começou a invadir-lhe o espirito....

Então magnifica de dôr, hallucinada, a meiga e apaixonada Corina atirou-se, coitada ! ao mar, cruel sudario, que tantas vezes lhe lambera as luxuosas tranças, que tantas vezes, sedento, lhe ameigára a rosea cutis !

E n'aquella hora extrema, quando a morte a enlaçava no abraço derradeiro, Corina ainda tinha nos labios a rosa, que ia, petala por petala, juncando o collo de virgem que sobre ella jurára eterno amor.

Hiperdulia

AO PEREIRA DA COSTA FILHO.

Noite sem luz ! No espaço frio, escuro,
Corre o terror, vagueia a tyrannia,
Mastiga o crime a triste symphonia
Que sobe á tona de seu labio impuro.

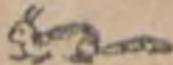
Brada e ruge o trovão. Transpondo o muro
Da treva immensa, na amplidão sombria,
Assoma um raio rapido : é Maria
Que abre os olhos do filho casto e puro !

O firmamento agita as Azas grandes,
Rotas, vertendo vivo sangue branco,
Feridas pelo atroz punhal dos Andes.

Emfim a Natureza, sem rosario,
Resa na voz de um Sirio alegre e franco,
Chora, entre riso, as scenas do Calvario !

Pernambuco—1898.

EDMUNDO FILHO.



Reforma Penitenciaria

Não pretendemos nesse ligeiro escripto fazer a exposição completa e detalhada do assumpto, pois são bem limitados o espaço e a competencia de que dispomos. Nosso trabalho resume-se n'uma pequena noticia que preencherá seu fim se despertar a attenção dos que estudam e acompanham com interesse a evolução scientifica.

A reforma penitenciaria deve interessar-nos immensamente, e é necessario que procuremos estudal-a com criterio e attenção. É preciso que se faça a sua propaganda pela divulgação dos principios que a regulam, pelo conhecimento dos meios por que se tem procurado executar a. Já alguns congressos penitenciarios se tem organizado e, é de lastimar, que nelles tenha predominado a theoria classica com todos os seus erros e preconceitos.

Entretanto a escola positiva, cada vez estende mais seu dominio estabelecendo por um systema efficaz a repressão do crime sem esquecer os meios de garantia para o individuo proteger-se e salvaguardar os seus direitos.

A corrente das idéas da moderna escola tende á amplificação, o mais possivel, das medidas preventivas e da adopção de penas de real valor, capazes de intimidar o delinquente, quando não torna-se necessaria a sua exclusão indeterminada do meio social. A funcção de punir tem seu fundamento na defeza da sociedade, e esta, a bem de sua conservação; tem de attender na repressão, não o principio da justiça eterna, mas o interesse do seu progresso e da sua tranquillidade.

Com o auxilio da anthropologia criminal estabeleceram-se novas bases para um systema penitenciario capaz de estimular o delinquente no sentido de regenerar-se, quando disso é susceptivel, e de proteger o homem honesto da guerra dos criminosos reincidentes. Diz Ferri: «É impossivel negar a nessecidade urgente de substituir a organização penal actual, por um systema correspondente ás condições determinantes do crime, mais efficaz para a defeza social e ao mesmo tempo menos desastroso para os individuos por elle attingidos.» E este mesmo escriptor estabelece os fundamentos do novo systema do seguinte modo: tempo indeterminado da seggregação do delinquente; character social e publico da reparação do dano; adaptação das medidas defensivas ás differentes cathogorias dos criminosos.

E, diz elle, se o principio fundamental do direito é de uma limitação imposta pelas necessidades da vida social; é, pois, evidente, antes de tudo, que a reclusão indetermi-

nada como a da vida nada tem de irreconciliavel com o principio fundamental do direito, quando a necessidade o impõe.

E, com effeito, se é o individuo que precisa da sociedade para viver, se ella é o meio indispensavel de sua existencia, elle é quem deve adaptar-se ás suas condições, procurando equilibrar os seus interesses com os della, evitando ser um obstaculo á sua tranquillidade á sua ordem.

E desde que o individuo torna-se prejudicial no convívio dos outros homens, a sociedade que pode existir sem o seu auxilio que é tão diminuto, elimina-o pelo meio que julga mais consentaneo com seus interesses.

A reparação do damno Ferri sustenta como obrigação do criminoso ao offendido como sancção substitutivel a pena detentiva para os pequenos delictos commettidos por criminosos de occasião; e como função social que pertence ao Estado no interesse directo do offendido e não menos importante da defesa social.

E accrecenta: O crime do mesmo modo que determina uma reacção social sob a forma da seggregação indeterminada do criminoso quando o acto é grave e o agente perigoso, deve tambem determinar uma reacção social sob a forma de reparação, quer seja accessoria á seggregação quando esta é necessaria, ou mesmo que baste por si a defeza social quando o acto do agente não é grave e o agente não é temivel.

Para os pequenos delictos commettidos por criminosos de occasião, a reparação rigorosa do damno, por um lado agitará as penas de reclusão por pouco tempo e por outro será muito mais efficaç e sensivel que a reclusão e a nutrição gratuitamente certas por alguns dias.

Quanto a applicação da pena ás differentes categorias dos criminosos, temos que os delinquentes de occasião devem ser submettidos a um systema especial no sentido de evitar-se que por um erro, se lhes applique penas taes que os levem á reincidencia e os tornem criminosos habituaes.

Este por sua vez tem necessidade de ser distincta nos dous momentos de sua actividade criminosa; isto é, no momento inicial no qual commetteu o primeiro crime, deven-

do administrarem-lhes as mesmas medidas do criminoso da occasião, como sejam a detenção em casa, a advertencia judiciaria, a caução, o trabalho obrigatorio sem reclusão, etc. No segundo momento no qual torna in-se criminosos habituaes, devem ser submettidos ás penas dos criminosos natos. Para estes ultimos, Ferri negando a efficacia da pena de morte, aconselha a deportação ou a reclusão indeterminada. Os criminosos alienados devem ser recolhidos em duas espécies de asylos, uma para os alienados autores de crimes graves e outra para os alienados autores de crimes menos graves.

A realização destas medidas, em cujo numero está o trabalho obrigatorio regulamentado de modo a não prejudicar em cousa alguma a actividade honesta, constitue a grande reforma por que tem de passar o systema penitenciaria actual que tão desastradamente dá lugar a que o crime augmente.

É digno de nota o auxilio que a anthropometria presta na diligencia contra os delinquentes mais sagazes e mais temiveis. A anthropometria, diz um escriptor, consiste em uma approximação de signaes caracteristicos que definem o individuo que se quer procurar, seja um criminoso, um fugitivo, ou qualquer desconhecido que se precise saber quem é, por meio de medidas tomadas no corpo humano.

Este systema foi desenvolvido e applicado na França onde tem produzido os melhores resultados.

São estes, em largos traços, os meios que se deve adoptar para uma reorganisação no systema penitenciario.

A escola classica no seu intuito para cercar o criminoso de attentões, pesando-lhe a responsabilidade moral e attenuando tanto quanto possivel o delicto na applicação da pena; esqueceu a victima e os interesses da sociedade, e só julgou merecedor de sollicitude o delinquente, a quem a sociedade, segundo pensam os mais convencidos da escola classica, deve todo desvello e attentão.

Mas, a theoria positiva iniciando uma nova phase de reacção na historia do direito penal, adoptando pela observação mais criteriosa os principios mais compativeis das

sciencias naturaes e sociaes, deu uma orientação sabia ao direito de punir, exigindo do criminoso a reparação do mal e o condemnando de conformidade com a sua maior ou menor temibilidade.

Antes de terminar, lembramos a substituição que se propõe para o jury, de juizes permanentes, preparados e em condições de poder reagir contra a influencia politica na distribuição da justiça.

O jury tem-se patenteado de uma incompetencia inqualificavel na repressão do crime. Diz Garofalo : Tem-se pretendido que o jury é uma excellente escola de cidadãos.

A isto se responde com as palavras de D. Manoel Syvela no seu esplendido discurso contra o jury criminal em Hespanha : «Confessar que o jury é uma escola não equivale a diser que elle vae instruir-se, formar-se e aperfeiçoar-se, errando as vezes ? Que estima merece uma instituição para a qual o templo da justiça se transforma em escola ? se os jurados aprendem condemnando injustamente—desgraça para os accusados ; se aprendem absolvendo imprudentemente—desgraça para a sociedade ».

E mais adiante diz aquelle escriptor :

O jury é uma escola que confirma pela experiencia de todos os dias o que já entrou na consciencia popular: que a lei não é igual para todos, que os poderosos a evitam e que só nos pobres e desprotegidos faz sentir o sua acção. »

A verdade dessas palavras é incontestavel, como é incontestavel a desmoralisação a que tem chegado o jury, se prestando as mais baixas perseguições, por uma questão de interesse ou de politica, quando esquece as verdadeiras necessidades da defeza social.

F. CUNHA JUNIOR.



D. Pulcheria

Paciencia, amavel leitor, para ler a historia de uma mulher *cabuloza*.

Talvez fôra melhor empregar outro termo, porem como *cabuloza* é menos «rebarbativo», vae !

Pulcheria Bambochata de Azambuja nasceu na villa de *Guamaquassu*, no dia 29 de Fevereiro de 18...,

Logo com o seu nascimento foi bastante infeliz, não só porque nasceu n'um dia em que as folhinhas só marcam de 4 em 4 annos, como tambem porque enganou a sua propria mãe, pois veio á luz da publicidade, isto é, vio a luz do dia, 2 mezes antes do que devia. e mais ainda porque o dia 29 de Fevereiro de 18... foi um domingo consagrado ao Deus momo.

Pouco depois do seu nascimento foi obrigada a andar de Herodes para Pilatos» porquanto seu pae, que era empregado sujeito a remoções, foi removido para muito longe do lugar em que residiam, soffrendo ainda mais duas remoções.

No lugar para onde tinha sido ultimamente removido o pae de D. Pulcheria, a qual contava então seis annos de idade, sendo portanto uma *nené*, havia uma escola primaria regida pelo Vigario da freguezia, o Revmo: Padre Costa, homem bemquisto por todos e propenso á pratica das boas obras.

Os paes da *nené* que consideravam, muito justamente, a educação como principal riqueza, fizeram-n'a frequentar a escola do Padre Costa.

Dois annos depois o Sr. Azambuja, pai da nossa protagonista, resolveu mudar-se para a actual capital de Pernambuco, onde fixou residência.

No Recife foi que a Pulcheria poude mostrar para quanto valia.

Frequentou ainda algumas escolas onde completou os conhecimentos, julgados suficientes pelos paes, para uma boa mãe de familia.

Quando attingio aos 14 annos a innocente Pulcheria fez *jus* ao tratamento de D. e começou a «botar as manguinhas de fora.»

Principiou a namorar e, por tal forma, que muito em breve, *meio* Recife conhecia as façanhas da Bambochata e citava-a toda vez que se tratava de namoro.

A Pulcheria tinha um physico que dizia perfeitamente com o seu nome *cacetifero-periculoso* e era das taes que quando agarram-se a um infeliz não o abandonam por qualquer cousa.

Apezar porem da sua *cabulosidade* a D. Pulcheria achou um noivo, encarnado na pessoa de um pançudo dono de uma mercearia e que ficou enfeitiçado pela sua *amada e delicada Galathéa*, não só pela graça que a mesma tinha em contar qualquer historia, como ainda pelo nome differente do de qualquer outro vivente, isto tudo na opinião daquelle *burguez pantafaçudo*.

O certo porém é que quando a nossa D. Pulcheria completou 18 annos de idade, os jornaes traziam a seguinte noticia : «Hontem foram lidos proclamas de casamento de F. e F. etc. Dioscorides Pajoaba Furreca e D. Pulcheria Bambochata de Azambuja, solteiros, etc.»

O casamento devia realisar-se d'ahi a tres mezes, deixando, porem, de effectuar-se porque, na vespera da sua realisação, o noivo foi acommettido de uma apoplexia fulminante e *bateu a linda plumagen* para um leito não nupcial, porem celestial ou infernal, conforme o seu peso na balança de S. Miguel.

Muito choro, muito *chilique* acompanhou a morte do Snr. Dioscorides, porem 6 mezes depois já a Snr.^a D. Pulcheria andava á procura de substituto para o seu chorado *quasi-esposo*, como ella dizia,

Para justificar o ritão «quem procura sempre encontra» a Sr.^a D. Pulcheria, depois de algum tempo de lucta, achou um viuvo, natural do seu paiz e que quiz dar-lhe a mão de esposo, o que realmente fez, pouco depois, com tão grande infelicidade porém que, quando terminada a cerimonia do casamento elle dava o braço a sua nova companheira para conduzi-la até a casa onde iriam passar vida em commun, foi atacado de uma syncope cardiaca, fallecendo immediatamente.

Em vez, pois, da alegria que devia reinar n'aquella casa, foi a tristeza quem levou o seu cartão de visitas.

Como querendo luctar com a sorte, a D.^a Pulcheria, cuja *congoxosidade* já era menor (um anno depois), procurou novo marido encontrando-o, não sem alguma difficuldade (pois o seu phisico não era muito agradável), no dono de uma barbearia ambulante, homem *bem empernado de cara*, como se costuma dizer e, que, para fallar a verdade, parecia ter sido talhado para a D. Azambuja.

No dia do effectuar-se o casamento Pulcheria vio-se bem *aperreada*, sem saber com que roupa devia apresentar-se.

Com a branca não pode ser, dizia ella, pois sou viuva; mas raciocinando em contrario via que o marido tinha morrido na igreja, logo após a celebração do casamento e, portanto, não havia inconveniente algum em apresentar-se com o trajo do casamento anterior, isto é, de véo, capella e roupa branca.

Para não guiar-se pela sua opinião, resolveu ir consultar o Vigario da freguezia em que morava e a par-teira que mais perto se achasse, e como esses fossem de accordo que ella podia apresentar-se como uma verdadeira noiva, ella assim o fez.

Não precisa dizer-se quanto mostrou-se *cabulosa* a D. Pulcheria com os seus tres casamentos, pois a todos os conhecidos ella impingia historias a respeito dos

noivos, mostrava respostas de cartas enviadas e originaes de outras a enviar, pedia figurinos emprestados ás amigas, caceteava os empregados de lojas onde entrava para fazer compras, pedindo que lhe dissessem qual a fita que melhor lhe ficava, qual o chapéu que a tornava mais bella; emfim, por todas as formas, ella *descascava* o infeliz em quem punha as *unhas*.

Hoje reside n'uma bôa casa com o seu querido Figuerido (nome do 3.º e desencantado marido), que deixou de ser barbeiro e está feito banqueiro de bichos criando dois filhinhos, um dos quaes não tem o olho esquerdo nem o braço direito.

E digam-me agora os leitores si essa D. Pulcheria Bambochata de Azambuja é *cabulosa* ou que diabo é?

PEDRO CIRNE.



CHRONICA

Com o presente numero, terminamos, por este anno, a publicação da «Escola de Direito» e, todavia, leitores, não sabemos mesmo dizer-vos se foi seguido o luminoso trâmite tão esmerilhadamente traçado no seu programma de fundação.

Nossas ideias, no entanto, ligadas sempre a assumptos de real interesse para os que cuidam do progresso e da arte, constituíram, parece-nos, mais alguns passos desassombrados no vasto campo das letras. Entre essas ideias que nos absorveram as energias, resaltou a do ensino livre que, infelizmente, ainda este anno foi-nos uma chimeira, uma illusão, se bem que fivessemos, com tódo o ardor do nosso raciocinio, por ella de continuo propugnado.

Agora que na aza alegre e tatalante do pensamento, fortes e arrojados iamnos, em busca dêsse Ideal que ha muito tempo povò a nosso cerebro, — o curso livre no ensino de Direito, — é quando de subito abre-se, não sómente no seio da Academia como entre nós da «Escola», uma impreenchivel lacuna, aretirada dos nossos companheiros de trabalho, os considerados academicos que concluem o curso em Dezembro proximo : José Julião, Theotonio de Britto e Miguel Rosa.

Com pezar sincero noticiamos o proximo apartamento destes arrojados collegas que conquistaram, com os louros do estudo, a amizade immoredoura dos que ficam, bendizendo-lhes o futuro.

Impostos pela força marcula do talento e pelo character santo e impolluto de moços que nunca deixaram cahir sobre o seu nome a pécha dos insignificantes, José Julião, Theotonio de Britto e Miguel Rosa, gosaram sempre de justa nomeada entre os que com elles conviveram.

Noticiamos, satisfeitissimos, o completo restabelecimento do mimoso e torturado poeta, Corrêa Pinto, nosso muito apreciado companheiro de redacção, que foi, por alguns dias victima de cruciantes padeceres.

Accusamos recebimento de um gracioso cartão que nos endereçou o Club Literario de Palmares, convidando-nos para a festa com que pretende solemnisar o anniversario de sua installação, no dia 23 do corrente.

Confessamo-nos penhorados pela distincção.

Nosso illustrado e querido Mestre, Dr. Eugenio de Barros, lente de Philosophia do Direito, está esperado da Capital Federal, por estes poucos dias.

Consta-nos que por occasião de sua chegada ser-lhe-á feita manifestação condigna em que, mais uma vez, serão evidenciadas as preclaras qualidades que o distinguem como Mestre e Amigo.

O reconhecimento, pelo Governo Federal, da Escola de Engenharia d'este Estado, determinou pomposa festa organizada pelos nossos collegas d'aquelle estabelecimento de ensino superior.

A "Escola" fez-se representar por Miguel Rosa, nosso estimado companheiro de redacção.

Congratulamo-nos com os distinctos collegas.



IMPRESSOS E IMPRESSÕES

Continuamos a receber a visita dos prezados colegas d'esta capital e mais dos seguintes : *Folha do Norte*, do Pará ; *Republicano*, de Cuyabá ; *Gutenberg*, *Quinze de Novembro* e *Orbe*, de Alagôas ; *Alemquerense*, de Alemquer (Pará) ; *Federação e Amazonas Commercial*, do Amazonas ; *Cidade de Obidos* e muitos outros. A todos agradecemos a gentileza.



8 mar. 1911

INU.
2023

340.05

R.297e

NÃO PODE SAIR

DA BIBLIOTECA

70950 -

